

POEMA, LUGAR DE MEMÓRIA NAS POESIAS DE SOPHIA ANDRESEN E CONCEIÇÃO PARANHOS

Juliana de Souza Gomes Nogueira¹

A leitura comparada da produção poética de Sophia de Mello Breyner Andresen e Maria da Conceição Paranhos problematiza neste espaço a relação entre ver-se e lembrar, ao discutir o poema enquanto morada do ser. Essa habitação de linguagem apresenta-se como construção humana habitada pela poesia, instaurando o desejo de continuidade nos textos das escritoras, embora a consciência da fugacidade da vida também se mostre fortemente presente.

Local de memória, no poema, o homem sela seu “encontro com a vida”, porque a memória habita as palavras, em “Breve encontro”, de Andresen (2011, p. 626):

Este é o amor das palavras demoradas
Moradas habitadas
Nelas mora
Em memória e demora
O nosso breve encontro com a vida

O poema é o “amor”, é o encontro. Não o amor de palavras, mas o “amor das palavras demoradas”. Palavras onde o ser constrói moradas, onde ele se abriga de certa forma. Apesar da ideia de independência da linguagem e de sua separação com o homem na modernidade, nessa composição, a imagem de união vigora. Em “Breve encontro”, o sagrado – também contemplando essa procura – toma a forma de uma habitação: o poema. A referência ao poema, “este” “amor”, leva imediatamente ao encontro com a vida, a qual só pode ser celebrada pelo poético que a caracteriza e, assim como a memória, habita as palavras.

Paradoxalmente, o poema, “breve encontro” (recriação do instante – lembrando Octavio Paz (1982)), é o lugar onde o “eu” “mora” e se “demora”, contrariando o caráter fugaz da existência. É, enfim, um “encontro” que estende na linguagem o instante da “revelação” poética. A proximidade fonética entre os termos “memória e demora” indica esse aspecto, como se a linguagem distendesse a permanência do ser, permitindo que a brevidade da vida se eternizasse, como se a linguagem fosse memória e a memória um encontro com a linguagem poética. Embora breve, encontro intenso e “real”, diria a poeta.

Nesse “Breve encontro” da palavra poética com a memória e do homem com a vida, Andresen ratifica o que afirma Joaquim Manuel Magalhães (1989, p. 63), em *Um pouco de morte*, sobre a poeta portuguesa ter conseguido “assumir essa intenção, clássica por excelência, helenística por continuidade, romana por aprimoramento, da poesia como perpetuação”. Uma intenção também possível de ser lida na obra de Paranhos. Para a escritora brasileira, o poema (“Lavra”), esculpido como ouro, é também “revestimento/ de uma face ileso/ que afronta o tempo/ e desmente o lábio”. É, para Andresen, conhecimento da poesia na retomada de suas formas, mas, sobretudo, lugar da memória na tarefa da poeta de reinscrever criativa e poeticamente o passado e a si mesma no ser da linguagem.

No ensaio “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”, Andresen afirma: “Camões celebra o surgir, o aparecer, aquilo a que os gregos chamaram ‘aletheia’. Celebra os homens que buscam a desocultação, o emergir do fenômeno, a escrita da terra” (ANDRESEN, 1981, p. 159). O fenômeno da escrita busca desocultar/ desentranhar para dar a ver o mundo. O

¹ Doutora em Literatura e Cultura (UFBA). Professora de Literatura e Língua Portuguesa do IFBA. E-mail: jullyagomes@hotmail.com. Grupo de Pesquisa: Linguagens, culturas e identidades (LICURI-IFBA).

“real” fundado pela poesia não esconde a violência. Entretanto, a consciência artística da finitude, das dificuldades apresentadas pelo risco que é viver, não provoca o desejo de evasão. Pelo contrário, o “real” e sua complexidade serão sempre construtivamente lembrados pelas artistas, ao tratarem do poema como a morada onde a vida vigora em detrimento da morte, pois, no poema, até a morte será uma afirmação da vida – utilizando uma ideia de George Bataille (2013) ao tratar do erotismo.

Em Andresen, a morada e o poema amalgamam-se numa mesma imagem, formando uma expressão do recomeço como continuidade. Heidegger diz que a duplicidade do gênero humano “esconde-se na simplicidade mais quieta da infância” e no desprendimento que transforma. “O desprendimento é a reunião na qual a essência do homem se recolhe na infância mais quieta e essa no cedo de um outro começo. Enquanto reunião, o desprendimento tem o modo de vigorar do lugar” (HEIDEGGER, 2003, p. 56). Para Heidegger, o desprendimento é o lugar da poesia, porque guarda o cedo, isto é, o recomeço pautado, na composição em apreço, na continuidade instaurada pela construção do poema.

Em “Luz inesperada”, de Paranhos (1996, p. 129), a construção do texto poético é lida a partir da apropriação da poesia na linguagem, através da relação entre preparar a casa e habitar o tempo:

Preparei a casa para te esperar:
procurei nos cantos o passado
e engastei-o à soleira da porta,
petrificado em dor, mas refulgente.

Não foi necessário mudar de casa
para te esperar. Bastou a tua vinda,
ainda de madrugada, para que tudo mudasse,
e a lua crescente surgisse ao meio dia.

A cama está feita, a mesa está posta,
nas compoteiras brilham sobremesas
feitas para adoçarem a tua boca
quando a vida amargar, travar-se o riso.

Meu corpo não é o mesmo de ontem,
mas é mais virgem, através das horas,
que me apartaram de outros desejos
dos quais me afasto, emigrada de mim mesma.

Foi gratuito o teu chegar. Por isso fica:
permanece em mim e esquece a lágrima.
Te esperei para chamar-te “meu amor”,
embora ingressem em minha voz e corpo

antigas sereias, com pentes de espelhos,
a retrançar meus cabelos destrançados,
e te convidem para o sábio mergulho
onde habitaremos: nós e o tempo.

Aqui, a preparação da casa e a busca do passado antecedem à vinda do amado. Entretanto, a sua chegada é a razão para a mudança desses elementos (casa/passado). Afinal, a casa só se torna efetivamente lugar de memória na medida em que é habitada pela poesia. É nesse sentido

que a casa pode ser entendida como o poema e o aguardado amado como a própria poesia. O erotismo da escrita apenas sutilmente aponta essa leitura quando se observa, por exemplo, o título: “Luz inesperada”. Diferentemente de uma relação amorosa em que quase sempre se perde a razão, a chegada repentina desse “amor” traz lucidez e a abertura necessária para que a voz lírica engendre na composição uma reflexão sobre o caráter fugaz da existência e a importância de se distender pela arte a permanência do ser.

Se, ambigualmente, o texto traz a rememoração de um amor, não deixa de marcar patentemente o caráter metalinguístico da escrita, ao sugerir a analogia entre o corpo da amada e o do poema. Daí o afastamento e o exílio da voz que enuncia (“me afasto/ emigrada de mim mesma”), engendrando o chamado para que amante e amado habitem com o tempo: “onde habitaremos: nós e o tempo”. Não é habitar o tempo, mas com o tempo; o que implica na necessidade da “recriação” do tempo poético para que seja alcançada a habitação.

Nessa composição, a poesia é uma espera por habitar o tempo no poema. Sem ela, a casa é vazia e não existe o riso para completar o choro. O passado refulge, mas petrificado não se transforma. Com a poesia, por outro lado, há o “mergulho”, o salto, a mudança, a desordem. Com sua aparição sempre inesperada, até “a lua crescente” se torna visível “ao meio dia”. Mesmo as relações cotidianas são modificadas pela poesia. Sua permanência é desejo, aproximando o eu lírico do estado virginal de pureza que destoa da própria sensualidade do encontro encenado pela composição, porque sugere o “regresso” a um estado potencialmente criativo.

A presença da poesia é gratuita (“Foi gratuito o teu chegar”), mas requer o sacrifício da espera e da atenção (“[...] através das horas,/ que me apartaram de outros desejos/ dos quais me afasto, emigrada de mim mesma”). Na mudança constante de si, o eu lírico permanece exilado. Sempre uma mesma e nova casa, um “outro” “eu” diferente de si mesmo. Seu passado está na porta, encravado na “soleira”, brilha flamejando, porque “não é o mesmo de ontem”. A poesia, assim, é mudança, mas também retorno. Como se destrança e trança novamente os cabelos, o poema – memória – é construído e se torna habitação.

Por entre as brechas do “desejo insaciado de [...] permanência”, a continuidade entrevista na ideia de memória vai mais claramente se delineando (“[...] habitaremos: nós e o tempo”). Se por um lado a voz lírica, com os rastros de memória da poeta, habita o poema no encontro com a poesia, por outro, a poesia só permanece no esquecimento que transforma: “permanece em mim e esquece a lágrima”.

Há uma relação de interdependência entre poesia, memória e transformação; todo o ritual de preparação para a vinda da poesia marca essa mudança carregada de erotismo nas imagens a sugerirem fusão: “ingressem em minha voz e corpo/ antigas sereias”. Símbolos da sedução, as sereias metaforizam o poder de atração do passado para o tempo poético. Todavia, enquanto que para sobreviver às antigas sereias da mitologia era preciso agarrar-se, como Ulisses, à realidade do mastro, para que o passado ressurgisse é preciso lançar-se à experiência do mergulho, “onde habitaremos: nós e o tempo”.

Aproximando as composições das duas poetisas, onde o poema é também o “amor”, pode-se ler: “habitaremos” (PARANHOS), apesar do “nosso breve encontro com a vida” (ANDRESEN), pois ao passo que a transitoriedade da vida é lembrada nesses versos, sobretudo pela alusão à brevidade feita por Andresen, também passa a ser liberta de uma visão reducionista. Afinal, o poema desponta como a construção que possibilita o encontro entre o conhecimento da fugacidade da existência e a experiência de burlá-la a partir do eterno presente instaurado pelo tempo do poema, como frisa o último verso da composição de Paranhos.

O encontro entre o fugaz e o eterno (ainda que só possível em um instante) liberta os homens das imagens primeiras, como afirma Gaston Bachelard (2001, p. 01), em *O ar e os*

sonhos, alterando os sentidos desses termos, ao recolher numa mesma imagem a morte e a continuidade entrevista na linguagem poética. Voltando para a linguagem do poema a consciência da memória enquanto construção, as poetisas lançam o convite: o poema é um encontro onde o “real” será verdadeiramente vivido. É preciso ter memória para ouvir esse chamado. É necessário ingressar no tempo recriado do poema para vivê-lo.

Referências

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Lisboa: Editora Caminho, 2011.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”. In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Poemas escolhidos**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981. p. 149-164. (Primeira publicação: Cadernos de Literatura, n. 5, Coimbra, 1980).

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. São Paulo: Edições 70, 2010.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Sophia de Mello Breyner Andresen. In: **Um Pouco da Morte**, Lisboa, Presença, 1989.

PARANHOS, Maria da Conceição. **As esporas do tempo**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1996.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.